Apresentação

1

A revista *Landa* inaugura neste número uma nova seção, dedicada ao imaginário plástico e intitulada *Vária Invenção*. Na sua estreia, apresentamos imagens de Artur de Vargas Giorgi acompanhado por texto de Ana Chiara. O que significa que os podres poderes fascistas não nos fazem imobilizar, ao contrário, nos levam a trabalhar com mais energia. Disso dão prova as demais seções da atual edição: a chamada pública “A imagem autoritária”, o dossiê especial “Circulações da teoria na América Latina” – organizado por Max Hidalgo Nácher – e a seção *Olhares*.

Os textos da chamada começam com “*Inland Empire: o não-saber enquanto experiência de montagem*”, de Rodrigo Amboni, que estuda o pensamento e a arte cinematográfica de David Lynch. A questão da montagem também é encarada nos dois trabalhos seguintes, “O discurso da montagem eisensteiniana: resistência artística no realismo socialista”, de Erivoneide Barros, e em “Processos criativos no cinema de Andrei Tarkovski: a propósito de um realismo ‘diferenciado’”, de Ludymylla Maria Gomes de Lucena, com visões diversas sobre a questão da montagem segundo André Bazin ou Andrei Tarkovski, em produtivo contraste. Na sequência, o texto “Re-existir e a insurgência de Natividade”, de Marina dos Santos Ferreira, enfoca a questão negra no romance *A rainha dos cárceres da Grécia* de Osman Lins em chave *menor*, enquanto em “Uma síntese paródica da história da arte”, Manuela Quadra de Medeiros destaca duas telas presentes em *Rede* de Paula Glenadel sob a perspectiva de Aby Warburg e Didi-Huberman. Finalmente lemos os textos “Tadeusz Kantor e a imagem mnemônica: retratos do século XX”, de Maria de Fátima de Souza Moretti e Igor Gomes Farias, dedicado ao dramaturgo polonês e sua “escrita visual na cena”, esboçando uma politização epifânica da estética, seguido de

“Eugenio D’Ors e o tempo tectônico”, de Luiza de Aguiar Borges, em que põe em tensão as multiplicidades do barroco que inauguram novos modos de ler no século XX, entre o próprio D’Ors, Gómez de la Serna e Georges Didi-Huberman.

Já o dossiê especial organizado por Max Hidalgo Nácher para *Landa* faz parte de sua pesquisa sobre a disseminação das “filosofias da diferença” no Brasil e na Argentina. Por esse motivo o dossiê se abre com um texto de Raul Antelo sobre Nietzsche ao ser aclimatado nesses páramos, seguido de Leyla-Perrone-Moisés a propósito do devir uruguaio do Conde de Lautréamont e dos distintos modos de censura que o ensaio *Lautréamont austral*, escrito em colaboração com Emir Rodríguez Monegal, sofreu em terras de França. Seguem-nos “Vallejo/Oswald: *Trilce* antropofágico” de Amálio Pinheiro, em montagem de leituras-escrituras que faz a poesia de um literalmente atravessar a do outro. Completam o dossiê textos de Hidalgo Nácher sobre Candido e Haroldo de Campos; Carlos Walker sobre o estruturalismo como moda na Argentina de fins dos anos 60; Analía Gerbaudo sobre a Beatriz Sarlo tradutora; Esther Pino Estivill sobre Barthes na Espanha; Laura Brandini sobre Barthes nos jornais brasileiros de hoje; e Jorge Wolff com relato sobre a trajetória da tese *Telquelismos latino-americanos*, dedicada à aclimação do pensamento estruturalista e pós-estruturalista por estas landas nos anos 60 e 70.

Finalmente, abrindo a seção *Olhares*, Franca Maccioni, com “Entre la crisis del proyecto y el triunfo de la equivalencia general: políticas de la imagen y de su lectura”, trata de pensar a imagem “como un operador estético potente” a partir do pensamento de Nancy, Agamben e Rancière de modo que a relação literatura/política se coloca frontalmente contra o “automatismo do capital” e o “regime da representação”, conversando assim com a chamada pública desta edição, dedicada à “imagem autoritária”. O texto seguinte de *Olhares* coloca seu foco em outra questão fundamental dos dias de hoje, a das universidades públicas. Em “‘Hemos resuelto llamar a todas las cosas por el nombre que tienen’. Política da escrita na Reforma Universitária de Córdoba”, Artur Giorgi escreve “em termos estéticos” e como “acontecimento disruptivo” sobre a reforma que lançou as bases da universidade pública latino-americana há um século, relacionando-a com os enfrentamentos de 1968 e de 2018, isto é, da *agoridade*, em que se veem ameaçadas. A seção *Olhares* fecha com “¿Por qué Brasil, qué

Brasil? Derivas en torno a lo argentino-brasileño”, de Joaquín Correa, texto dedicado ao recente livro organizado por Roxana Patiño e Mario Cámara, *¿Por qué Brasil, qué Brasil? Recorridos críticos. La literatura y el arte brasileños desde Argentina* (Villa María: Eduvim, 2017), em novas e instigantes reflexões estético-políticas sobre as relações Brasil-Argentina, sempre bem vindas nas páginas inconformistas da revista *Landa*.

Agradecemos a todos os colaboradores e colaboradoras, especialmente a Gastón Cosentino e Juliana Monroy Ortiz pela colagem *(In)umeráveis*, que serve de capa a esta edição.